

# RISPÁ simplesmente RISPÁ

Lucia Weiler\*

**Resumo:** Este artigo procura resgatar uma pérola literária, escondida no grande relato do tempo da monarquia, registrado na Bíblia. É a presença de Rispá ou Resfa – como é traduzida em algumas edições da Bíblia. Esta presença, com sua história que não foi contada, rompe com uma história de violência, tecendo os fios tênues-fortes de uma pequena-grande história de libertação. Rispá questiona a imagem de um Deus violento, que se satisfaz com a violência. Proclama um Deus – presença silenciosa junto a inocentes violentados em seus corpos e sua dignidade humana.

**Resumen:** Este artículo intenta rescatar una perla literaria, escondida en el gran relato del tiempo de la monarquía, registrado en la Biblia. Es la presencia de Rizpa — como es traducida en algunas ediciones de la Biblia. Esta presencia, con su historia, que no fue contada, rompe con una historia de violencia tejiendo los hilos tenues-fuertes de una pequeña-grande historia de liberación. Rizpa cuestiona la imagen de un Dios violento que se satisface con la violencia. Proclama un Dios presencia silenciosa junto a inocentes violentados en sus cuerpos y en su dignidad humana.

**Abstract:** This article seeks to recover a literary pearl, hidden in the larger story of the time of the monarchy, registered in the Bible. It is the presence of Rizpah, as the name is translated in some editions of the Bible. This presence, with its untold story, breaks away from the story of violence, weaving fine, strong threads in the small – great story of liberation. Rizpah questions the image of a violent God who is satisfied with violence. She proclaims a God, silent presence among the innocent whose bodies and human dignity have been violated.

---

\* Dra. Lucia Weiler é professora na ESTEF (Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana) e assessora do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos).

Entre as histórias bíblicas, encontramos uma pouco lembrada, ou até desconhecida. É a brevíssima história de Rispá, filha de Aiá. Mais que uma história, sua presença e seu gesto são decisivos para fazer a diferença e reverter um relato de violência sangrenta numa história de resistência místico-profética. A presença de Rispá (2Sm 3.7; 21.8-11) transforma uma história de guerra e de morte em “história sagrada”.

Rispá, em hebraico *Riçpah*, significa “pedra brilhante”<sup>1</sup>. É concubina do rei Saul. Sua atitude e postura de resistência, em favor da vida, estão registradas no segundo livro de Samuel.

Rispá era mãe de Armoni e Mefibosete, filhos de Saul. Estes dois filhos e mais cinco netos de Saul, filhos de Merab, filha de Saul, foram entregues, por Davi, aos guibeonitas, como expiação pelo massacre executado pelo rei Saul. Os guibeonitas crucificaram os sete israelitas, deixando seus corpos expostos desde o princípio da ceifa da cevada na primavera, por todo o ardente estio, até a queda das chuvas periódicas em outubro.

Deixemos que esta mulher abra nossos olhos e nos fale, hoje, através de sua ternura, coragem e presença silenciosa:

de protesto e resistência,  
de perseverança e esperança,  
de amor e paixão pela vida,  
num contexto de violência, de guerras e de cultura da morte.

### **Partindo da realidade**

Antes de olhar de perto o texto bíblico, que funciona como um espelho para nossa vida, queremos contemplar a realidade de tantas mulheres no mundo de hoje.

Certamente conhecemos histórias de violência e de resistência que precisam ser lembradas e recontadas para reavivar a esperança na vida, para além da morte. Quero lembrar uma história muito triste e, ao mesmo tempo, muito edificante. Aconteceu na Rocinha, uma das favelas conhecidas como das mais violentas do Rio de Janeiro. No entanto, é também uma das favelas mais violentadas e desrespeitadas naquilo que podemos considerar o mínimo de direitos humanos.

Ao conhecer uma mulher de nome Celi, num dos círculos de partilha

---

1 DAVIDS, John. Rispá. In: **Novo Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: Hagnos, 2005. p. 1060.

bíblica, percebi que por trás de cada ruga daquele rosto sofrido e sereno, ao mesmo tempo, por trás daqueles olhos castanhos grandes, daqueles lábios carnudos e bem contornados, que nunca se moviam para esboçar um sorriso sequer, nem para dizer uma única palavra, escondia-se um grande mistério. Não faltava nunca aos encontros semanais. Até que um dia, quando vi que nossos olhares se encontravam com mais confiança, mas ainda silenciosamente, resolvi interromper o silêncio. Com todo respeito, que conseguia recolher dentro de mim, olhei para Celi e ousei perguntar:

– A senhora gostaria de contar algo de sua história? Deve ser muito significativa, pois já a lemos nos seus olhos expressivos e no seu rosto bonito. O que a traz de volta todas as semanas para nosso círculo bíblico? Gostaríamos de entender este livro vivo, escrito pela sua história, que só a senhora consegue contar para nós.

Todo corpo dessa frágil-forte mulher se contorceu, seus olhos ficaram ainda maiores e duas lágrimas grossas rolaram pela face, procurando caminho entre os sulcos das rugas marcadas ao longo de seus 45 anos cronológicos, que somavam uma vida eterna e uma história indefinível em anos.

– Eu – balbuciou ela – venho para lembrar e chorar meus dois filhos, o Anderson e a Vivi, mortos de bala perdida pela polícia, procurando traficantes. Não estive em casa naquele dia. Estava fazendo faxina. Quando voltei, senti que faltaram. Ninguém contou nada do que havia acontecido. A vizinha só me disse que morreram de bala perdida. O que mais dói é que sumiram com seus corpos. Não sei onde os colocaram. Se soubesse, iria buscá-los para acarinhá-los, ainda que mortos, e depois sepultá-los dignamente. Mas nem isso é possível. Se me permitem participar do círculo bíblico e se o meu silêncio não estorva, quero voltar sempre. Aqui encontro conforto e ressurreição para minha vida e a de meus filhos.

E o silêncio fecundo, solidário, indignado, cheio de vida e mistério, tomou conta do grupo e se espalhou, qual perfume de vida e teimosa resistência, por toda casa. E nos unimos para buscar os corpos dos dois filhos de Celi, mortos há meio ano. Como a união faz a força, conseguimos recuperar parte dos ossos dos filhos, com ajuda de uma advogada. Fizemos uma bonita celebração de sepultamento e Celi reviveu. Todas nós mulheres, reunidas naquele círculo bíblico, compreendemos que esta era uma história sagrada escrita no corpo sagrado da mulher silenciosa, fiel, perseverante, apaixonada pela vida.

Como a história de Celi não é apenas uma – embora única – mas é uma história a mais entre muitas parecidas na favela da Rocinha e nas

favelas do mundo, queremos encontrar-nos mais de perto com RISPÁ. Ela é uma mulher-símbolo, cuja história foi registrada, ligeiramente, na Bíblia. Sua atitude de **resistência** perseverante carrega em si o grande mistério da paixão pela vida que podemos chamar de **mística**<sup>2</sup>.

### **Olhando mais de perto o texto, dentro do seu contexto**

O contexto do tempo da monarquia respira forte ambição de poder e de violência por causa dessa ambição de poder. Assim percebemos que a acusação, que is-Bosete fez contra Abner (2Sm 3.7), ocultava a insinuação de que Abner estava planejando uma estratégia sutil para apoderar-se do trono.

Sobre o contexto específico, no qual surgiu 2Sm 21.1-14, sabemos que, nos dias do rei Davi, houve três anos de fome em Israel. Os guibeonitas tinham uma pendência com o povo israelita, por causa de um massacre executado pelo rei Saul, antecessor de Davi. Davi consultou a Deus sobre o porquê desta fome. E Deus falou: “É por causa de Saul e da sua casa sanguinária, porque ele matou os guibeonitas” (2Sm 21.1). Davi, tentando consertar o passado, consultou os guibeonitas e não mais Deus sobre o que fazer em sinal de reparação.

Os guibeonitas eram homens de muita astúcia e já tinham enganado Israel em outra oportunidade (cf. Js 9.3-27). Em resposta à consulta de Davi, mais uma vez, mostraram seu espírito de vingança e exigiram:

De seus filhos (sc. descendentes de Saul) se nos dêem sete homens, para que os crucifiquemos<sup>3</sup> ao SENHOR em Guibeá de Saul, o eleito do SENHOR. E disse o rei: Eu os entregarei (2Sm 21.6).

Foram mortos, no monte diante do Senhor, os sete homens, dois filhos de Rispá e Saul e cinco netos, filhos de Merab. Seus corpos ficaram expostos, a mercê das aves do céu, dos corvos e das feras do campo.

Neste momento do relato entra em cena Rispá, ocupando o centro do texto. Não se tem nenhuma notícia de Merab, a mãe dos cinco filhos sacrificados e expostos com os filhos de Rispá.

---

2 Aqui lembro um dos livros de SÖLLE, Dorothee. **Mystik und Widerstand**: “Du stilles Geschrei”. 6. Auflage. München: Piper Verlag GmbH, 2003.

3 O sentido deste verbo é incerto. Literalmente, em grego, significa *expor ao sol*, traduzido muitas vezes por *enforcar*. Trata-se sempre de um castigo exemplar para afastar a cólera de Deus (cf. Nm 25.4). Áquila: *empalar*; Latim: *crucificar*; sir: *sacrificar*. Parece que implica o deslocamento de membros dos suplicados, pois o mesmo verbo se encontra em Gn 32.26 com o sentido do deslocamento da articulação da coxa de Jacó (cf. nota da TEB).

## **Rispá, símbolo de resistência e protesto contra morte violenta**

Então Rispá, filha de Aiá, tomou um pano de cilício e estendeu-o sobre uma pedra, desde o princípio da colheita, até que a água do céu caiu sobre eles. Ela não deixou as aves do céu pousarem sobre eles durante o dia, nem os animais do campo durante a noite (2Sm 21.10).

Rispá, certamente tomada de profunda dor, não ousou falar uma palavra sequer. Armou uma tenda com sacos de estopa. Ficou aí, vigilante e alerta, desde o princípio da ceifa da cevada, na primavera, por todo o ardente estio até a queda das chuvas periódicas, em outubro. O texto diz que Rispá, durante todo esse tempo, conservou-se sentada sobre uma rocha, perto do lugar onde estavam expostos os sete israelitas, não consentindo que de dia as aves do céu e de noite as feras do campo devorassem seus corpos (2Sm 21.1-11). Aproximadamente seis meses ela vigiou e protegeu os sete corpos. Certamente não ficou sozinha neste protesto. Mais pessoas, mulheres e outras terão se unido a ela em solidariedade. O protesto individual tornou-se coletivo, adquirindo assim uma força de irradiação política e profética.

A atitude de Rispá chegou aos ouvidos de Davi, o qual se arrependeu de seu ato. Ordenou que transportassem e enterrassem aqueles restos de corpos humanos e que trouxessem Rispá à sua presença.

Enterraram os ossos de Saul e de Jônatas, seu filho, na terra de Benjamim, em Zela, na sepultura de seu pai Quis, e fizeram tudo o que o rei ordenara; e depois disto, Deus voltou a ser propício com a terra (2Sm 21.14).

E voltou a chover na terra de Israel. A chuva, com toda sua força simbólica e religiosa, é para o povo de Israel manifestação da graça de Deus.

### **Relendo a atitude da Rispá para nossos dias**

Rispá e seu grupo resistem à morte violenta; resistem à morte estúpida sem sentido; resistem contra uma falsa imagem de Deus que estava profundamente arraigada na tradição religiosa do povo de Israel: “Deus necessita do sacrifício humano para voltar a ser misericordioso com seu povo”. A história de Caim e Abel e a história do sacrifício de Isaac foram tentativas de quebrar esta imagem sacrificial de Deus. Por que Davi reproduz a mesma atitude sacrificial? E por que hoje ainda reproduzimos tantos sacrifícios humanos, com vítimas expiatórias?

A religião pode corromper o bom senso humano. Basta lembrarmos

os vários atentados de terror, as guerras santas desencadeadas em nome de tantos falsos deuses. 11 de setembro de 2001 ficou registrado na memória histórica como um divisor de águas da violência. O que se desencadeou após 11 de setembro, porém, é muito pior e revela, em grau extremo, até que ponto chega a ânsia do poder de dominação. Utiliza-se para isso qualquer meio de corrupção, inclusive a religião e o nome de Deus.

Olhando para Rispá vemos que nada podia fazer para impedir a morte de seus filhos e dos demais cinco israelitas, marcados para morrer. Porém, ela não concorda com esta forma violenta e cruel de proceder com vidas humanas. Menos ainda se conforma com os motivos religiosos e políticos alegados para justificar tal violência.

Percebe-se que Rispá, cuja reação só é mencionada, mas não contada em detalhes, é alimentada por verdadeira paixão pela vida. Sua fonte de resistência certamente é o Deus da Vida e não a falsa imagem religiosa de um deus da vingança e da satisfação vicária. Isto é notável pela sua atitude perseverante em permanecer dia e noite junto aos sete corpos humanos. Haverá um sinal mais forte e expressivo para testemunhar o senso de dignidade do corpo humano? Corpos sagrados, corpos mutilados, corpos em decomposição, corpos de filhos, simplesmente corpos humanos, habitação de Deus que quer vida e vida em abundância.

### **O que nos ensina esta mulher Rispá para nossa espiritualidade?**

Nosso Deus não quer, nem necessita de sacrifícios humanos. Ele não é um Deus lunático. Deus, antes, sofre e é solidário com todo sofrimento provocado pela violência. Deus sofre com o desrespeito à dignidade humana, por isso assumiu o caminho da cruz e da morte de cruz. Aí ele próprio é atingido pela violência. Mas o AMOR continua sendo a última palavra. O anúncio da Ressurreição é um grito de alegre protesto contra a morte violenta.

E aí está Rispá, e o grupo de mulheres solidárias com ela, muito antes da manhã da Ressurreição. Ela vai para a montanha velar os sete corpos mortos. Tem consciência que esta matança e este sacrifício expiatório não é vontade de Deus. Com um sentimento de indignação contra esta imagem de um Deus que quer ver sangue para ser benigno com seu povo. Rispá não tem uma imagem de Deus. Ela é a imagem de Deus, com sua presença silenciosa, solidária, profética. Ela não grita, não toma nenhuma vara para bater e espantar quem se aproxima. Simplesmente toma um saco de estopa

que servia para a colheita e senta sobre ele. Sobre uma rocha dura e fria. Protesto silencioso e bloqueio simbólico contra a injustiça. Protesto silencioso e bloqueio simbólico contra a manipulação religiosa, contra a morte indigna de inocentes. Uma mulher que não quer enrijecer seu sentimento de dor e de luto com ódio e vingança.

A história de Rispá provoca e desafia nossa espiritualidade da confiança que passa pela perseverança, pelo protesto contra toda injustiça e pelo caminho da resistência. Da presença vigilante, silenciosa e perseverante diante daqueles corpos humanos expostos cresce sua coragem de mulher que acredita na vida. Seu protesto individual torna-se coletivo e se torna uma provocação política, pois sensibiliza o próprio rei Davi. Finalmente, ele manda recolher os ossos e sepultá-los. A história de Rispá nos convida a fortalecer a perseverança da nossa fé. A viver a confiança no Deus amigo e bondoso que acolhe e não castiga, nem exige sacrifícios expiatórios ou vicários da pessoa humana.

E, para concluir, vem-me à memória o belíssimo canto do cantor popular brasileiro Milton Nascimento, que gostaria de partilhar como espelho que une a realidade de hoje com a história contada na Bíblia. Olhando para as Rispás e para as Marias, de ontem e de hoje, cantamos:

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça,  
É preciso ter gana, sempre,  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria.*

*Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça,  
É preciso ter sonho sempre,  
Quem traz na pele esta marca  
Possui a estranha mania  
De ter fé na vida.*

As pequenas histórias contadas, ou escondidas, na Bíblia, revelam esta mesma *mania de ter fé na vida*. São narrativas que mostram como o povo de Deus, em momentos de crise, busca estratégias de resistência para defender a vida. São histórias pitorescas, que se entrelaçam no grande relato que chamamos de “história sagrada”.

**Questões para refletir:**

Como Rispa, com sua história, nos ajuda a questionar nossas imagens de Deus?

Que imagem de pessoa humana e de Deus ela transmite?

**Referências**

DAVIDS, John. Rispa. In: **Novo Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: Hagnos, 2005.  
SÖLLE, Dorothee. **Mystik und Widerstand**: “Du stilles Geschrei”. 6. Auflage. München: Piper Verlag GmbH, 2003.